



Os estudos de gênero, raça, sexualidade e capacitismo: uma reflexão sobre os temas que atravessam a minha história

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO ORAL

Simpósio Temático: ST-08. Música, Gênero, Corpos e Sexualidades: processos, métodos e práticas de produção sonora dos ativismos feministas decoloniais e LGBTQI+

Yarana Ester de Campos Borges

Universidade Federal de Pelotas - UFPEL - yarana.ester@gmail.com

Rafael da Silva Noletto

Universidade Federal de Pelotas - UFPEL - rafael.noletto@ufpel.edu.br

Resumo. Neste trabalho, serão abordados os atravessamentos sociais encontrados em mim durante o processo de pesquisa em torno das temáticas de gênero, raça, sexualidade e capacitismo nos cursos de bacharelado e licenciatura em Música na UFPEL. Pesquisas de Joan Scott (1995), Guacira Louro (2000), Suzanne Cusick (2009), Raewyn Connell (2015), Heloísa de Hollanda (2019), Oyèrónké Oyewùmí (2020), Silvio Almeida (2019), Catarina Domenici (2013), Antonilde Rosa e Andréa Adour (2019) e Eliane Cromack (2004) embasam as representações sociais, históricas, culturais encontradas no processo de pesquisa dessas temáticas e que implicaram em mim, em como eu me percebo hoje, meu eu/corpo/mulher/cantora/pesquisadora.

Palavras-chave. Capacitismo. Gênero. Música. Raça. Sexualidade.

The studies of genre, race, sexuality and capacitism: a reflection on the themes that cross my history

Abstract. In this work, the social crossings found in me will be addressed during the research process around the themes of genre, race, sexuality and capacitism in the Bachelor of Music and Degree in Music courses at UFPEL. Research by Joan Scott (1995), Guacira Louro (2000), Suzanne Cusick (2009), Raewyn Connell (2015), Heloísa de Hollanda (2019), Oyèrónké Oyewùmí (2020), Silvio Almeida (2019), Catarina Domenici (2013), Antonilde Rosa e Andréa Adour (2019) and Eliane Cromack (2004) support the social, historical and cultural representations found in the research process of these themes and that have implied in me, in how I perceive myself today, my I/body/woman/singer/researcher.

Keywords. Capacitism. Genre. Music. Race. Sexuality.

1. Introdução

Ao longo dos anos que estou na universidade, nos cursos de música predominam alunos homens, e também o fato de que talvez eu seja a única aluna com deficiência física nos cursos de Música da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Esse foi um processo de percepção sobre mim também, o que eu, mulher, com deficiência auditiva, branca, heterossexual, classe baixa, cantora, feminista, poderia fazer para contribuir com esse campo de pesquisa através de um olhar para os cursos de Música da universidade onde estudo. O que descobri nesse processo de estudos, é que a maior revelação foi sobre eu mesma. Pois, foi a

partir dos estudos de gênero, raça, sexualidade e capacitismo em Música que pude ter mais clareza de quem eu sou, e de realmente perceber todos os atravessamentos que passam em mim. O termo capacitismo aqui é retratado para que a ausência de qualquer deficiência não seja visto como normal, nem algo a ser corrigido ou superado, e deve ser visto da forma de acessibilidade, onde pessoas com deficiência auditiva, intelectual, visual, físico-motora entre outras possam ter os mesmos direitos e acessos que pessoas não deficientes possuem.

Desde 2015, as temáticas de gênero, raça, sexualidade e capacitismo fazem parte do meu cotidiano. O interesse pelo tema do capacitismo se deu pois tenho deficiência auditiva no pavilhão direito auditivo. A partir de minha experiência com minha deficiência percebi que esses temas se inter relacionam. Para isso acontecer, tive uma série de questionamentos, os quais no início não sabia especificar quais eram, e que, por vezes, sinto que ainda não sei. Todos esses atravessamentos sociais são um processo. E para serem interpretados, devem ser bem estudados e avaliados.

Através de formulário digital online aplicado a alunas e alunos que estão cursando Música na instituição e através de um roteiro de entrevistas com alunas, alunos, ex-alunas e ex-alunos da UFPEL, realizadas em videochamada e áudio chamada, pude analisar as respostas dos participantes e que de certa forma correspondem com a perspectiva de Louro (2000). Louro retrata que devemos romper o pensamento dicotômico das significâncias de homem e mulher, pois não existe apenas a perspectiva binária heterossexual. Os sujeitos são plurais. E fatores como raça e classe social também fazem parte dessas interpretações.

Para centrar melhor minhas inquietações, optei por analisar os cursos de Bacharelado e Licenciatura em Música na UFPEL, analisando a trajetória musical no âmbito acadêmico das/dos alunas/os do curso de Graduação em Música (Bacharelado e Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas – UFPEL).

As constatações foram, que nas aulas de história da música estudamos mais sobre músicos, compositores, instrumentistas, todos eles homens; também há poucas professoras mulheres, porque isso ocorria? Será que não existia espaço para elas ou elas não se interessam pela carreira musical acadêmica? E além de terem poucas professoras mulheres no curso, a maioria delas está ligada ao curso de Canto. Será que existe uma conexão do feminino com o canto? Surgiram outras reflexões acerca desse tema, às vezes o canto é relacionado ao feminino. E percebi que muitas vezes colocamos a ideia negativa e pejorativa em relação ao canto, de que é mais fácil ou “delicado”. Analisando as representações sociais, históricas, e culturais pude perceber de que forma as relações de gênero, raça, sexualidade e capacitismo norteiam as

escolhas e expectativas dessas alunas, alunos, ex-alunas e ex-alunos dos 9 cursos de Música da UFPEL. E através dessas perspectivas posso aqui manifestar a minha perspectiva como eu/corpo/mulher/cantora/pesquisadora.

2. Uma breve contextualização sobre gênero, raça, sexualidade e capacitismo de maneira geral e na música

As práticas musicais revelam informações relevantes sobre os diversos períodos históricos e com isso conseguimos ter o conhecimento de uma sociedade e de certas culturas. Para os estudos em música, é muito importante os espaços de reflexão acerca de gênero, raça, sexualidade e capacitismo, pois é dentro desses campos de estudos que buscamos uma abertura para o entendimento plural do gênero e sexualidade de cada ser humano.

Sabemos que as concepções sobre sexo e gênero se modificam ao longo da história, por exemplo, as pesquisas de Joan Scott (1995) e Guacira Louro (2000) defendem que, não basta apenas reconhecer o que é próprio de cada gênero e sim colocar em problemática quais insurgências são acionadas a partir das relações que os sujeitos categorizados estabelecem. Pois, cada sujeito tem uma maneira de ser, agir e pensar; cada ser humano tem perspectivas pré-estabelecidas que devem ser analisadas, cada ser tem suas individualidades, e que muitas vezes não se encaixa em tais padrões estabelecidos pela sociedade. E a pesquisa de Oyèrónké Oyewùmí (2020) vai mais afundo e ressalta que no que diz respeito à gênero, não pode ser pensado à parte de raça e classe, por ser uma construção sociocultural.

Suzanne Cusick (2009) traz um outro exemplo sobre as relações de gênero. A autora aponta como a produção musical do período barroco da música Europeia estava ligada às concepções de gênero que naquela época era entendido como sexo e sexualidade vigentes no discurso médico da época.

O gênero e o sexo naquele tempo não tinham o mesmo significado de hoje, para aquelas pessoas, as mulheres eram vistas como homens incompletos, e os homens eram seres completamente perfeitos. Essa foi a opinião médica predominante em toda a Europa durante o século II até o século XVIII. Portanto para a medicina havia somente um sexo e dois gêneros.

Já na sociedade atualmente, Raewynn Connell (2015) menciona que, as ideias sobre comportamentos condizentes a cada gênero circulam constantemente, não apenas nas mãos dos legisladores, mas também nas atitudes de pais, mães, professores(as), publicitários(as), padres, apresentadores(as). Pois essas pessoas veem o mundo a sua volta sob perspectivas de

comportamentos que sempre conheceram como sendo o certo. A autora menciona que, se tratando de gênero, o assunto é político.

Os movimentos feminista e gay dos anos 1960 e 1970 foram cruciais para a liberdade de cada indivíduo. Causando reações de grande impacto no meio cultural mesmo não atingindo os objetivos políticos idealizados,

Heloísa Buarque de Hollanda (2019, p.20) menciona que o feminismo deve colocar em pauta os questionamentos sobre as produções das sexualidades e se responsabilizar sendo contra “qualquer hierarquia ou prioridade na luta contra a opressão de todas as mulheres, em suas mais diversas características de gênero, raça, etnia ou religião”.

Além das diferenças de gênero, nós temos vários outros atravessamentos sociais que marcam as diferenças entre as pessoas, são marcas que se encontram em cada um de nós e que são usadas para a produção de desigualdades, tais como: cor/raça, região do país, religião, geração, orientação sexual, classe social, entre outros. Quando o gênero é pensado fora desses temas, estamos unificando as múltiplas formas de ser mulher, estamos usando apenas um modelo de ser mulher como medida, desconsiderando diferenças raciais, de classe social, geração, etc.

Sobre racismo, Silvio Almeida (2019, p.19) menciona que além do racismo ser um ato individual, seja apenas de um indivíduo ou de um grupo maior, o racismo é estrutural, o que nos faz responsáveis pelo combate ao racismo e aos racistas. Devemos compreender os nossos privilégios da branquitude. E para combater o racismo internalizado devemos tomar algumas atitudes, em favor dos grupos subalternizados. Devemos conhecer e divulgar os saberes de diversos grupos. Além de falar daquilo que nos abarca, devemos estar atentos ao todo, saber que não somos o único tipo de ser humano do mundo e que existem várias formas de pensar, ser e agir, devemos reconhecer outros aspectos culturais, sociais, comportamentais, etc.

Capacitismo, gênero, raça, sexualidade, classe social, entre outras temáticas, são questões que estão em nossa sociedade, e entender melhor do que se trata, nos torna pessoas melhores quanto seres humanos.

A música é uma linguagem abstrata que parece não ter preconceitos e que, aparentemente, diminui as fronteiras sociais. Penso que as artes em geral e mais especificamente a música, representam a diversidade. Mas, às vezes, o meio musical reforça as desigualdades raciais e revela preconceitos relacionados à raça. Possuir privilégios, às vezes torna difícil entender que, apesar da liberdade para se esforçar e lutar pelo que se almeja, não são todos que cumprem a meta com sucesso. Catarina Leite Domenici traz um exemplo sobre

essas desigualdades sociais na música. Domenici (2013, p. 89) observa que “o ideal de fidelidade à obra que ainda norteia a ética da performance musical encontra um paralelo perturbador com a condição de passividade e submissão prescritas ao gênero feminino no século XIX”. O performer deve ser domesticado e deve deixar que a obra se manifeste como um todo, sendo o performer, apenas o intermediário que está a serviço do compositor e que irá apenas apresentar o resultado da peça apresentada.

O exemplo relatado por Domenici faz analogia com o sistema patriarcal, que, de modo geral, é o próprio reflexo que ainda visualizamos em nossa sociedade hoje. Onde os exemplos de família seguem o modelo patriarcal heteronormativo, e que, o poder de tomada de decisões e controle, está com o “chefe” da família, o homem.

Seguindo esse modelo patriarcal heteronormativo e capitalista, que se apropriou da cultura desses grupos marginalizados, Antonilde Rosa e Andréa Adour (2019) nos trazem o exemplo de ópera negra sem perspectiva negra. A autora contesta que existem óperas com a visão romantizada sobre a população negra, mas também há óperas e autoras/es negras/os que realmente representam a história, os desejos e a cultura negra. Rosa e Adour, se referem da seguinte forma sobre locus social “é o lugar onde um determinado grupo está localizado e de onde se posiciona, tece suas articulações ideológicas, políticas e culturais”. Podemos observar que muitos desses lugares foram sendo definidos pela norma heteronormativa e branca. E o que precisamos são outras narrativas que vão em oposição ao “saber dominante” que foi estabelecido durante muito tempo na história da humanidade.

Por isso nós pesquisadoras/es da área de gênero, raça, sexualidade e capacitismo, devemos através da música, romper com essa dicotomia de que existe apenas uma norma a ser seguida. Devemos apresentar as mais diversas perspectivas sob o olhar de cada um desses grupos marginalizados pela norma que nos é imposta.

Trago aqui, a reflexão de que, para fazermos isso com clareza, primeiro precisamos estudar e nos auto avaliarmos, porque a partir daí iremos construir diálogos interseccionais acerca das temáticas de gênero, raça, sexualidade e capacitismo em música.

3. O meu papel na música enquanto cidadã

Podemos dizer que muitas das tomadas de decisões são influenciadas pelas questões de gênero, raça, sexualidade e capacitismo. Foi a partir daí que comecei me enxergar, me perceber como mulher, com deficiência auditiva, branca, heterossexual, classe baixa, cantora,

feminista, e, a partir desses atravessamentos pude visualizar de uma maneira bem mais ampla o mundo a minha volta. É um processo e ainda estou no caminho.

Explico aqui de maneira clara o que de fato é minha deficiência. A minha deficiência auditiva é no pavilhão direito auditivo, não possuo toda a parte do ouvido médio (martelo, bigorna e estribo - eles têm a função de converter mecanicamente as vibrações do tímpano e conduzir a orelha interna). Tenho alterações estéticas na orelha externa direita e também o fechamento do conduto auditivo (estabelece a comunicação dos sons exteriores ao ouvido médio). Essa questão me fez olhar para esse aspecto, tenho que lidar com isso no curso de Canto. E na música isso ganha uma série de especificidades, uma vez que a audição é um dos principais caminhos para algumas questões em música como ressonância, percepção musical, extensão e tessitura vocal, ressonância, apoio vocal, etc, pois música trabalha basicamente com audição. Mesmo sendo uma limitação, não me impede de fazer nada, mas no campo da música, embora não me impeça, a deficiência auditiva me coloca alguns desafios e me faz pensar a respeito desse aspecto. De súbito, percebi que não poderia deixar de falar deste atravessamento social que carrego em mim todos os dias. Dessa maneira também posso vir a contribuir para o debate.

Segundo a definição de Eliane Polidoro da Costa Cromack (2004), eu me encontro na identidade flutuante. Pois não me identifico totalmente como ouvinte por possuir deficiência auditiva em um dos pavilhões auditivos, mas, por outro lado, não me enquadro como surda, por poder fazer parte do mundo ouvinte. Dentro dessa identidade flutuante são necessárias algumas adaptações, esses ajustes se acentuaram durante a pandemia do coronavírus (COVID-19), pois fazer música à distância foi mais desafiador do que no modo presencial. Por exemplo, no modo presencial sempre tive que me organizar para que ficasse o mais perto dos instrumentos harmônicos e isso já bastava como ajuste para fazer música em conjunto. Porém, na modalidade de música à distância ao utilizar o fone de ouvido eu perdi quase que totalmente a referência da minha voz, pois eu não tenho a possibilidade de utilizar o fone somente em uma orelha e deixar a outra sem fones para não perder a referência vocal. Então, quando utilizei o fone de ouvido no ouvido esquerdo que tem 100% da audição, perdi a audição externa da minha voz, restando-me apenas a interna, pois o outro lado da audição não pode captar a referência externa. Como estratégia para esse desafio, estudei prestando atenção na minha qualidade vocal, observando quais eram as sensações corporais que eu sentia ao cantar, aonde eu sentia minha voz, se era nas maçãs do rosto, por exemplo, se eu utilizava determinadas aberturas de boca relativas às articulações necessárias à pronúncia do texto em cada trecho das canções, etc. Depois, estudei



com o fone de ouvido, buscando a mesma sensação corporal da voz para que meu canto ficasse com a emissão lírica equilibrada. Através de maneira autodidata, busquei maneiras de me adaptar à necessidade de cantar com fone de ouvido, e pode vir a ser útil para outras pessoas que se enquadrem nesse mesmo tipo de desafio.

As práticas musicais devem ser viabilizadas a todos os seres humanos, alguns têm necessidade de adaptação, mas devemos ter em mente que todos os tipos de corpos devem ter seus direitos garantidos e podem realizar as práticas musicais e aquilo que quiserem. Uma vez que isso não aconteça, é negado a humanidade de cada indivíduo e o direito de exercer determinada atividade. Ser diferente é o que nos torna “iguais”, porém cada um com sua individualidade e a pluralidade de sermos. Somos seres humanos, com diferentes demandas. Assim sendo, devemos promover debates, diálogos acerca das temáticas de gênero, raça, sexualidade e capacitismo, devemos ter a preocupação de representatividade nos repertórios musicais e congressos como esse, que tem abertura para um diálogo interseccional, que abrange as práticas musicais e outras questões pertinentes. E assim, devemos apoiar políticas educacionais afirmativas, políticas públicas, ler autores e autoras negros/as, transformar nosso ambiente de trabalho, analisando quais são e por quem estão ocupados os espaços de poder, entre outras sugestões.

4. Considerações finais

Trouxe aqui um pouco do que as discussões de gênero, raça, sexualidade e capacitismo em música fizeram em mim. Tive mudanças intrínsecas e que me permitiram ver com melhor clareza. Antes de todos os atravessamentos sociais são corpos que falam, corpos que sejam eles com ou sem deficiência, cor da pele, classe social, sexualidade, etc.

Existem várias facetas do que é ser mulher, homem, gay, lésbica, bissexual; e se mostramos esse lado, que até então era muitas vezes incompreendido ou deixado de lado, por sair do modo tradicional na qual foi constituída a família, iremos construir uma sociedade baseada no diálogo e no respeito ao próximo e conosco mesmo também.

Ao invés de discutirmos o que é certo e o que é errado, devemos aceitar a pluralidade de vivências do gênero e sexualidade, refletindo sobre os aprendizados e desenvolvimentos das pessoas nesse campo, assim podemos viver em uma sociedade mais igualitária e democrática, com os direitos de todas e todos sendo assegurados.

Referências



ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 264 p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro) ISBN: 978-85- 98349-74-9.

CONNELL, Raewyn. Gênero: uma perspectiva global. Raewyn Connell, Rebecca Pearse; tradução e revisão técnica Marília Moschkovich. 3ª. São Paulo: Editora: **nVersos**, 2015. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4216087/mod_resource/content/1/Aquestaodogenero.pdf. Acesso em 28 jun. 2021.

CROMACK, Eliane Maria Polidoro da Costa. Identidade, cultura surda e produção de subjetividades e educação: atravessamentos e implicações sociais. **Psicologia, Ciência e Profissão**, Brasília, v. 24, n. 4, p. 68-77, dez. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/gwqgpPLXRvQWSfVVrLd8WsS/?lang=pt>. Acesso em 01 jul. 2021. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932004000400009>. Acesso em 01 jul. 2021.

CUSIK, Suzanne. Gênero e música barroca. **Per Musi**, Belo Horizonte, n.20, p.07- 15, 2009.

DOMENICI, Catarina. **A performance musical e o gênero feminino**. In: NOGUEIRA, Isabel; FONSECA, Susan (orgs). Estudos de gênero, corpo e música. Goiânia/Porto Alegre: ANPPOM, 89-109, 2013.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto/** Angela Arruda... [et al.]. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, p. 237-256, 2019.

LOURO, Guacira Lopes. **Pedagogias da sexualidade**. In: Louro, Guacira Lopes (org). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Tradução dos artigos: Silva, Tomaz Tadeu da. 2ª ed, Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2000

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. **Conceituando o gênero os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas**. In: Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais/ organização e apresentação Heloisa Buarque de Hollanda; autoras Adriana Varejão... [et.al]. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora: Bazar do Tempo, 2020.

ROSA, Antonilde; ADOUR, Andréa. Ópera, raça e gênero sob o ponto de vista de artistas negras(os). **Revista Música** | vol. 19, n.2 | pp. 149-172 | jul. 2019.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre: vol. 20, n.02, jul/dez, p. 71-99, 1995.